

ENTREVISTA



Sub Ten PM Anderson Przybyszewski Silva
Mestre em Antropologia - UFMT

*Entrevistado por Enzi Cerqueira de Almeida Junior
em 11/10/2018*

RESUMO BIOGRÁFICO

Mestre em Antropologia Social - UFMT. Especialista em Políticas de Segurança Pública e Direitos Humanos pela UFMT. Possui graduação em Direito pela Universidade de Cuiabá - UNIC (Bacharelado). Licenciatura plena em Matemática (UNIVAG). Tecnólogo Gestão em Segurança Pública (IFMT). Membro do Grupo de Pesquisas em Antropologia do contemporâneo - Sujeitos, Sociabilidades e Visualidades - NAPLUS, da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Conselho Editorial Júnior da Revista de Administração do Sul do Pará - REASP. Integra o Instituto Brasil Plural /INCT/PPGAS/UFSC/UFAM. Curso de Formação de Soldados da PMMT (1998). Curso de Formação de Sargentos (2004). Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos (2011). Atualmente é Aluno do Curso de Habilitação de Oficiais Administrativos - CHOA da PMMT. É casado com a Sra. Airthes

Antonia Duarte

RHM – *Inicialmente o que levou o Senhor a abordar e desenvolver uma pesquisa em âmbito de pós-graduação stricto sensu com a temática sobre a (re)construção de uma identidade do policial militar em formação?*

Há de se destacar que, em se tratando de discussões sobre segurança pública, estamos em um momento social e político de várias proposituras de reformas políticas, e neste sentido é perceptível, no campo pedagógico, a busca de novas metodologias para melhorar a referida formação. Por esta perspectiva, pontuo que, discutir a formação de novos policiais militares é um ponto de partida a ser considerado para o estabelecimento de um outro patamar de qualidade no serviço de segurança pública, amplamente contestado na atualidade. Assim, um aprofundamento na formação dos integrantes da instituição PMMT, com o intuito de compreender os mecanismos de prestação do serviço público a toda a sociedade mato-grossense são os aspectos e características que me levaram a abordar esta temática em minha pesquisa.

Enfatizo que no campo da ciência antropológica, estudos objetivando compreender sobretudo a hierarquia interna e a composição da estrutura organizacional militar ganharam maior notoriedade pela obra de Celso de Castro (1990), que descreveu a construção da identidade militar e o universo simbólico dos militares em pesquisa realizada na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) abarcando sobretudo a formação dos cadetes (futuros oficiais) do exército brasileiro.

Neste viés, delineado na obra de Castro (1990), este trabalho objetivou direcionar o olhar “antropológico” para a formação do policial militar do Estado de Mato Grosso. Estabelecendo alguns questionamentos como norte de pesquisa, por exemplo, como ocorre a transformação do civil em militar? Existe uma cultura de formação policial? Em qual momento, exatamente, os rituais têm o poder de transformar, confirmar? Isto nos permitiu compreender, interpretar e analisar as etapas de formação de novos agentes de segurança pública.

Há de se esclarecer ainda que no estado de Mato Grosso, há alguns estudos realizados sobre a formação inicial do policial militar, entretanto voltados exclusivamente, para a formação do oficial. Em se tratando de formação de praças,

havia e ainda há um vasto campo a ser pesquisado, o que deixa claro, foi apenas dado o pontapé inicial, com a elaboração desta obra.

RHM – Percebemos em sua pesquisa que a abordagem antropológica se situa no período em que o policial militar (enquanto aluno) ainda está nos bancos escolares e há uma pausa considerável sobre os ritos de passagens desse período. Como o Senhor analisa esses ritos e sua importância na formação do profissional de segurança pública?

No campo da sociologia e psicologia o comportamento ritualista é analisado de uma forma negativa relacionado com a repetição e a compulsão vazia. Entretanto na Antropologia a concepção de rito é bem mais remota, tendo sido no seu preambulo a constituição de que nos ritos religiosos exerciam uma espécie de “representação máxima da sociedade”. Embora hoje a compreensão acerca do rito seja bem mais heterogênea e envolva uma maior variedade de elementos existentes no nosso dia a dia, quer sejam eles sagrados ou profanos.

Os antropólogos franceses E. Durkheim e A. Van Gennep reconheceram no início do século XX, a centralidade dos ritos na constituição da vida social. Para Durkheim, a sociedade só pode ser estudada através de suas próprias regras que a governam e não por meio da psicologia, pois o cerne da sociedade está localizado na “consciência coletiva”, e esta por sua vez é irreduzível aos indivíduos que compõe o grupo.

Ao estudar os ritos de iniciação temos a condição de verificar e entender suas fases marginais ou liminares bastante firmes e longas. Os ritos de separação e agregação estão mais relacionados às estruturas sociais quando comparados com os ritos de liminaridade. Conforme estudos de VAN GENNEP (2011), os rituais de iniciação, assim como todos os ritos de transição vêm marcados por três fases, quais sejam: separação, margem (ou limen) e agregação.

Tona-se imperioso entender que, é preciso analisar um rito de passagem não de forma isolada. Se fizesse isto, me afastaria de uma das características mais importantes do rito de passagem, apontada por VAN GENNEP (2011), ou seja, a sequencialidade. Os ritos de passagem devem ser analisados de forma sequencial. Cada fase que se encerra constitui no início da fase seguinte. E isso não pode fugir à

análise do antropólogo. Para ver o todo, precisamos esmiuçar os detalhes, os pormenores, as minúcias de cada uma das fases do rito de passagem. Compreender isto, me oportuniza dizer que não há um momento imprescindível. Não há um rito de passagem “mais importante”. Cada fase tem seu papel e, por isto, afirmo que cada uma das fases constitui uma parte sem a qual o todo (formação completa) não seria possível.

RHM – O jovem recém ingresso nas fileiras da corporação policial militar é submetido a um processo de construção e desconstrução de identidades – militar e civil, como explicar os ambientes civis e militares agora frequentados pelo neófito e quais implicações na formação da identidade desse jovem, essa dicotomia de ambientes e “mundos”?

Ao falar do termo identidade, saliento que tomo a identidade como um processo que se amolda ao de autodeterminação, na perspectiva de como o indivíduo se vê. Segundo BAUMAN (2005), seria uma espécie de “eu postulado”. Ainda neste sentido, este autor entende que é comum, ao nos referirmos ao termo identidades, que este conceito esteja relacionado às comunidades, como sendo as entidades que as definem. Por este norte, pontuo que esta definição é a que melhor define a concepção de identidade que abordo neste trabalho.

E, nesse percurso, de tentar entender a identidade do aluno do curso de formação de soldado, como algo em construção, ainda não pronto e de certo modo precário, tomo como foco questões como a sociabilidade e a subjetividade presentes no processo que culminará, depois de algum tempo, na criação de uma nova pessoa, com um novo “status”.

Entretanto, destaco alguns rituais, que foram frequentemente citados durante a realização das entrevistas, como sendo constituintes e relevantes para a “constituição” de uma nova identidade (policial militar), ressaltando que grande parte deste processo é marcado por etapas específicas, objetivos, procedimentos, técnicas, instrumentos e objetos que, inseridos no contexto específico de formação, dão sentido e efetivamente “resultam” na criação de uma nova identidade.

Em suma, a título de exemplificação o rito denominado “A conquista da farda” consiste em uma fase de transição, ou melhor denominado de margem ou

liminaridade dos ritos de iniciação. Este rito de passagem é exatamente a continuação da fase anterior. Este momento constitui um momento perigoso, pois nesta fase o indivíduo atravessa uma fase dicotômica que, guardadas as devidas proporções, seria a fase em que o interlocutor se encontra entre: o não mais civil e o ainda não militar. Tanto VAN GENNEP (1909), quanto TURNER (2005), ao se referirem a esta espécie de “não mais o que era e ainda não o que virá a ser”, a tratam como uma fase arriscada. Isto por que nesta fase (margem/liminar) estes autores afirmam que o indivíduo está em um “indeterminismo social”.

RHM - *Em sua pesquisa, o Senhor faz uma análise das nuances voltadas à formação do soldado policial militar, enquanto frequentador do curso de formação, avançando à análise meticulosa dessa formação por vários fatores, olhares e percepções. Podemos afirmar que após o curso de formação, uma nova identidade desse jovem é construída a partir desses ritos de passagens? E em sua concepção, isso corrobora ou prejudica?*

Conforme a classificação dos ritos de passagem delineada por VAN GENNEP (2011), os ritos de margem correspondem a acontecimentos formativos relacionados ao que se refere à prática de hábitos, regramentos específicos da nova identidade do sujeito, o que serve para robustecer o seu pertencimento ao novo grupo (militar) e o afastamento do grupo anterior (civil).

VAN GENNEP (2011), vincula claramente o termo “margem” no rito de passagem à situação peculiar de “transacionalidade” a que o indivíduo está submetido. Para compreender quem está submetido à fase de margem, este autor enfatiza: “Qualquer pessoa que flutue entre dois mundos. É esta situação que designo pelo nome de margem” e, continuando, define os ritos liminares com sendo: “ritos executados durante o estágio de margem” (VAN GENNEP, 2011). A fase de margem se caracteriza pela realização de cerimônias, o que me faz entender como sendo uma etapa da formação de soldados na PMMT. Estes ritos de passagem, estudados um a um, possibilitam compreender como se opera o processo de separação do indivíduo que era civil e ingressa na vida militar. Faço esta afirmação centrado no fato de que cada um dos ritos de passagem enfatizados por VAN GENNEP sublinha um determinado aspecto envolvido na passagem.

Por esta perspectiva, aquiesço que, em uma visão geral, a fase de margem do rito de passagem tem o intuito de estabelecer uma maior consistência à função de militar, suas mazelas, suas intempéries. Entendo também que existe claramente um viés de união do grupo na fase de margem. Sou categórico em afirmar isto porque, durante a observação participante, notei por parte dos graduados/oficiais que conduziam o rito, um tom carregado de aspectos morais/motivacionais e eivados de palavras de união do grupo, isto a meu ver é que constitui sua nova identidade.

RHM - *Deixo um espaço para o Senhor fazer qualquer outra manifestação sobre parte do seu trabalho acadêmico que ficou esquecido nas perguntas lhes dirigidas.*

O centro desta pesquisa esteve voltado para o processo de formação dos ingressantes como aluno soldado da PMMT. Em que pese assinalar que, para entender como ocorre o processo de formação inicial, considerarei alguns rituais que acontecem durante o curso de formação, os quais foram citados pelos interlocutores como sendo os momentos em que se operacionaliza a mudança de identidade anterior “civil” para a atual “militar”.

Segundo Foucault (1999) “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” E, isto é colocado em prática, na sua totalidade durante o Curso de Formação de Soldados da PMMT.

No que se refere aos desafios e dificuldades enfrentados no curso, destaco a existência e recepção “currículo oculto na formação”, que incluía exercícios pesados até tarde da noite, pressão psicológica, alguns apelidos pejorativos, infelizmente ainda muito presentes na formação inicial de soldados na PMMT.

RHM - *Senhor entrevistado, gostaríamos de registrar suas considerações finais.*

Utilizo este espaço para agradecer a instituição PMMT, na pessoa do sr. Cel PM RR Edson Benedito Rondon Filho, a época Diretor de Ensino Instrução e Pesquisa da PMMT, que me dispensou todo o tipo de auxílio/orientação/apoio na elaboração deste trabalho, reconhecendo como sendo de interesse institucional aquele “embrião de pesquisa”, que hoje

tornou-se realidade.

A mesma inquietude que me veio à mente, no momento de elaborar meu projeto de pesquisa, espero que se materialize em outros militares estaduais, e almejo que esta obra seja corroborada por outros pesquisadores que como eu procuram estudar, entender e tentar modificar o cenário de atuação profissional em que estão inseridos.

Agradeço sobretudo aos meus interlocutores, a época todos Alunos Soldados, militares que recém ingressos na instituição, entenderam, acreditaram e aceitaram participar das entrevistas em seus mais variados horários e locais, dentro de uma rotina extenuada de atividades no curso de formação.

Finalizo, com o provérbio atribuído aos chineses, mas que li a primeira vez no livro “A Cidade e as Serras” de autoria de Eça de Queirós, em que o autor escreve que todo homem para ter sua obra completa na terra deve: “Plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro”, ressaltando que no meu caso, ainda me resta publicar o livro deste trabalho.

RHM - Muito obrigado pela entrevista!